

POLÍTICA

GOVERNO

FHC faz balanço e garante que elegerá sucessor

José Paulo Lacerda/AE

Na comemoração dos 7 anos do Real, presidente faz pouco de pesquisas e até provoca oposição

ISABEL BRAGA

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou ontem ter convicção de que fará o sucessor nas eleições de 2002. Durante as comemorações do 7.º aniversário do Plano Real, o presidente fez um balanço de sua gestão e provocou os adversários: “Cansei de ganhar de gente que estava na minha frente em pesquisa de opinião e vou ganhar de novo; pelo Brasil, com muita fé.” Ele disse que quer passar o governo a alguém com a mesma visão de mundo que ele e que não leve o País ao risco da hiperinflação outra vez.

Em um forte discurso de 50 minutos, Fernando Henrique afirmou que quer seu governo “funcionando com energia até o fim” de seu mandato, voltou a cobrar uma definição “clara” dos partidos que integram a base sobre seus compromissos com o governo e reafirmou a disposição de votar a reforma tributária.

Fernando Henrique chamou o PT de atrasado, por não assinar a Constituição de 1988 sob o argumento de que não garantia “direitos corporativos”. Ao ressaltar que o Brasil mudou sua maneira de posicionar no cenário internacional, lembrou que quando era senador e já defendia a inserção soberana do País no cenário internacional, foi criticado pelos “barbudinhos”, numa referência ao termo pejorativo usado nos anos 70 para designar os militantes de esquerda. A seguir os principais pontos do discurso:

Caminho – “Não vou parar de avançar. Enquanto eu for presidente, o que eu disse ao povo que faria na praça pública eu vou fazer, contra a opinião de quem quer que seja. Vou fazer. Vamos continuar no mesmo caminho, que é o caminho da reforma, que é o caminho do novo Brasil. Que não quer se acovardar com o grito de um ou de outro, pesquisa de opinião daqui ou dali. Cansei de ganhar de gente que estava na minha frente em pesquisa de opinião. E vou ganhar de novo. Pelo Brasil. Pelo Brasil. Com muita fé. Nós temos muito ainda o que fazer. E vamos fazer.”

Sucessor – “Eu quero um governo funcionando com energia até o final do meu mandato e quero passar o meu governo a um sucessor que tenha a mesma visão de mundo que eu te-

“Cansei de ganhar de gente que estava na minha frente em pesquisa e vou ganhar de novo

Quero passar meu governo a um sucessor que tenha a mesma visão de mundo que tenho

Não vou mais tolerar essa coisa de base que está para cá, está para lá.

Ou é base ou não é base

A vida política, a vida em geral, não é generosa.

É dura, é cruel. Há que se ganhar. Mas não há que se ganhar a qualquer preço

nho, que vá adiante com a transformação do Brasil e não nos leve ao risco da hiperinflação outra vez ou do atraso contido, ou do atraso benévolo.”

Base aliada – “A todo instante eu vejo: ‘a base do presidente acabou’. Há seis anos eu leio isso. Vez por outra, acabou a base. É rara uma votação que o governo não ganha. O base acaba da boa essa, heim? E vou dizer também que não vou mais tolerar essa coisa de base que está para cá, está para lá. Ou é base ou não é base. O Brasil está precisando de decisões claras. E vamos tê-las.”

Reformas – Citando o filósofo Nicolau Maquiavel: “O grande problema do reformador é que os que vão ser beneficiados com a reformas não o sabem, e os que vão perder com elas sabem muito bem e se opõem às reformas. Esse é o nosso problema, foi e continuará (sendo) sempre daqueles que têm vontade política de mudar o Brasil.”

Reforma tributária – “Por mais que digam que o governo não quer, eu quero a reforma tributária. Mas quando se quer avançar, os próprios que antigamente se queixavam dizem: ‘não, não, por favor, não faça nada não, porque está bom co-



mo está. É preciso examinar o que é justo e o que não é. A carga tributária é pesada, mas num país como nosso é preciso saber o que se faz com essa carga tributária. Está mesmo indo para a rede social? Se estiver, há jeito de o Brasil avançar, senão está errado. Aumento de carga tributária não, porque até eu reclamo.”

PT atrasado – “A idéia de que era possível uma utopia concreta, que desse igualdade depressa com a revolução incendiava corações. O mundo mudou com rapidez, tornou obrigatório que enfrentássemos reformas constitucionais, numa Constituição recém-promulgada, com o entusiasmo de todos, menos do PT, que não assinou a Constituição porque achava que era insuficiente para garantir direitos corporativos. Era mais atrasado que a média dos congressistas brasileiros.”

“Barbudinhos” – “Quando eu era senador, usei usar a expressão: é preciso definir um padrão de inserção soberana do Brasil na economia internacional. Não faltaram os ‘barbudinhos’ que chamaram imediatamente os tambores para rufar na guerra ideológica, porque um senador progressis-

ta – eu era e sou – ousou dizer que o Brasil tinha de se inserir, soberanamente, na economia internacional. E fui, humildemente, beijar a cruz na Universidade de Brasília, discutir com alguns dos ‘barbudinhos’ que cobravam coerência ideológica de alguém que ousava dizer que o Brasil não tinha de ser uma autarquia.”

Dívida social – “Começamos a resgatar a dívida social. Essa dívida social não poderá ser paga nem com benesses, nem com assistencialismo, nem com penas autoritárias dos pais da Pátria, pais dos pobres, pais dos trabalhadores. Essa dívida começou a ser paga porque a sociedade começou a ter mais consciência e porque o Estado se tornou mais poroso e permitiu maior interação com a sociedade.”

Aproveitadores – “A descentralização cria muitos problemas novos de corrupção, de ineficiência, de má-gestão, de falta de controle, mas isso não é razão suficiente para nós voltarmos atrás. Isso é razão para termos persistência até que a sociedade tenha melhores condições para usufruir desses mecanismos novos de interação. Fizemos isso em todas as áreas sociais. Na Previdência Social, na educação, na reforma agrária, estamos municipalizando, contra a opinião dos ideólogos que querem manter controle sobre os recursos públicos e

usar recursos públicos para clientelismo próprio e fingir que são mobilizadores do povo no campo, quando são aproveitadores de recursos públicos contra o povo no campo.”

Movimento social – “Bom é o movimento social, boa é a demanda, a exigência, a reclamação. Boa é até a impertinência frente aos poderosos, seja quem for, até o presidente.”

Dívida pública – “Não tenho medo de fantasma nem de esqueleto. Só as dívidas dos Estados, nós – o governo federal – assumimos R\$ 150 bilhões. E quantas vezes os próprios governadores, ao invés de reconhecer que isso foi um benefício, vêm pedir para não pagar aquele pouquinho que têm de pagar. Assumimos o ônus de dizerem: ‘ah, o governo aumentou a dívida pública’. Aumentou não, colocou manifesto ao País. É assim que nós somos. A nossa cara ainda é feia, mas acreditamos no País, vamos melhorar. Isso provoca o aumento da taxa de juros, que aumenta a dívida de novo, é verdade. Não negamos. Mas não temos medo de dizer as coisas como elas são, porque temos convicção, temos crença e não estamos governando o País para fins pessoais, erradamente, como salvadores da Pátria.”

■ *Mais sobre o aniversário do Plano Real na página B4 do Caderno de Economia*